

# PROCESSO DE (IN) SIGNIFICAÇÃO DE CORPOS PRETOS NO ESPAÇO DIGITAL

Thiago da Silva Lima<sup>1</sup>  
Débora Massmann<sup>2</sup>

**Resumo:** O corpo preto no Brasil passa a ser significado por meio de condições de produção que produzem equívocos sobre sua existência e aspectos relativos à sua cultura e estilo, por exemplo. Nessa perspectiva, o presente trabalho visa analisar o processo de (in) significação de corpos pretos no/pelo espaço digital, que provoca diferentes formas de significação dos sujeitos individuados por instituições outras, segundo Dias (2018), a partir do vídeo “como um preto pode ficar rico no Brasil”, veiculado no canal do YouTube thiago-fonseca. Para executar esse gesto analítico, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, formulada por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, que trabalha com o discurso como objeto teórico de estudo em intrínseca relação com questões sócio-históricas, ideológicas e políticas visando compreender diferentes processos de significação por meio da linguagem, de acordo com Orlandi (1984; 2017). Para isso dialogamos com Orlandi (2006; 2007; 2008), Pêcheux (2014), Moreira (2019), Kilomba (2019), Almeida (2018), dentre outros/as. Mediante esse aporte teórico, nos debruçamos sobre o material analisado e interrogamos os usos de recursos visuais e os dizeres do sujeito como uma forma de questionar o apagamento de traços subjetivos de si e de seu público para se ajustar ao lugar social da riqueza. Compreendemos que esse apagamento de aspectos subjetivos participa de um jogo discursivo de manutenção dos ideais do colonizador e apagamento de formas de vida dissidentes. Assim, buscamos des-superficializar a falsa consciência de verdade que interpela os corpos pretos no digital e verificar os sentidos em performance.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso; Corpo; Espaço digital.

**Résumé:** Le corps noir au Brésil devient significatif par le biais de conditions de production qui donnent des idées fausses sur son existence et les aspects relatifs à sa culture et son style, par exemple. Dans cette perspective, le présent travail vise à analyser le processus de (in) signification de corps noirs dans/par l'espace numérique, qui provoque différentes formes de signification des sujets individuels par d'autres institutions, à partir de la vidéo “comment un noir peut devenir riche au Brésil”, diffusé sur la chaîne Youtube thiagofonseca. Pour réaliser ce geste analytique, nous utilisons les hypothèses théoriques et méthodologiques de l'analyse de discours, formulée par Michel Pêcheux et Eni Orlandi, qui travaille avec le discours comme objet théorique d'étude en relation intrinsèque avec les questions socio-économiques, historiques, idéologiques et politiques visant à comprendre différents processus de signification à travers le langage, selon Orlandi (1984; 2017). Pour cela, nous travaillons des auteurs, comme, par exemple, Orlandi (2006; 2007; 2008), Pêcheux (2014), Moreira (2019), Kilomba (2019), Almeida (2018), parmi d'autres/as. Grâce à cet apport théorique, nous nous penchons sur le matériel analysé et nous interrogeons les utilisations des ressources visuelles et les indications du sujet comme une façon de remettre en question l'effacement des traits subjectifs de lui-même et de son public pour s'adapter à la place sociale de la richesse. Nous comprenons que cet effacement des aspects subjectifs participe d'un jeu discursif de maintien des idéaux du colonisateur et d'effacement des formes de vie dissidentes. Ainsi, nous cherchons à rendre superficielle la fausse conscience de vérité qui interpelle les corps noirs dans le numérique et à vérifier les sens en performance.

**Mots-clés:** Analyse de discours; corps; espace numérique

<sup>1</sup> Mestrando em Letras e Linguística (Universidade Federal de Alagoas) – UFAL. E-mail: thiagolimadelmiro@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) (2009) e professor adjunto na Universidade de Alagoas (UFAL). E-mail: deboraquel.hm@gmail.com

Trabalhar com os sentidos não é tarefa rápida e simples, pois estamos, segundo Orlandi (2008) trabalhando com algo que é desorganizado. Porém, a linguista enfatiza que é o discurso o responsável pela organização dos sentidos, ou seja, diferentes discursos vão “administrar” sentidos de múltiplas formas. A partir dessa compreensão de sentido e de discurso, objetivamos, de forma geral, neste trabalho, analisar como os sentidos sobre o corpo preto são “administrados” no discurso produzido no espaço digital por meio de um vídeo intitulado “como um preto pode ficar rico no Brasil”. O vídeo se resume à realização de um tutorial que visa convencer quem assiste de que seu modo de vida e estilo visual não contribuem para que ele alcance o lugar social de sujeito preto rico.

O vídeo, veiculado na plataforma digital YouTube, possui mais de trinta minutos de duração. Nesse período de tempo, observamos um único sujeito que explica direcionar sua fala especificamente para homens pretos, pois pretende ensinar (função de um tutorial) a esse público “escolhido” o passo a passo para se alcançar o lugar social da riqueza sendo preto e brasileiro. Porém, para chegar a tal posição, o sujeito em cena instrui seu público a ir abandonando suas preferências estilísticas, literárias, intelectuais, pois no silêncio que possibilita seu dizer (ORLANDI, 2007), a proposta do tutorial é fazer com que o público apague suas características e passem a se ajustar a um modelo de vida prescrito pela formação discursiva racista, estrutural e colonizante.

O material analítico recai na materialidade digital, que coloca em cena um sujeito preto que pretende “ensinar” o passo a passo para se alcançar o lugar social da riqueza sendo preto no Brasil. Os modos de ensino usados na performance do sujeito no espaço digital se pautam no apagamento de qualquer traço subjetivo seu e de seu público. Esse gesto de abafar traços culturais e estilísticos que podem fazer parte do modo de vida das pessoas

que assistem ao vídeo não acontece por acaso, pois, compreendemos a partir de Orlandi (2008) que o discurso não se deixa usar como um instrumento neutro. Nesse sentido, os dizeres e as imagens do sujeito em cena no espaço digital participam de um “jogo” discursivo que retoma dizeres já ditos para (in)significar os corpos pretos e silenciar suas potencialidades ancestrais e afetivas em favor da manutenção do discurso do colonizador que invalida formas de vida dissidentes à cultura europeia.

Assim, questões como a de raça, racismo, branqueamento e autorrecusa aparecem para corroborar os sentidos equívocos que produzem efeitos de verdade sobre o corpo preto. Nesse sentido, objetivamos compreender as condições amplas de produção dos sentidos pejorativos que constituem a imagem de sujeitos pretos no Brasil; investigar como esses (des)sentidos se realizam no espaço digital por meio dos dizeres e das imagens em cena; analisar o processo de (in)significação de corpos pretos no/pelo digital. Portanto, buscamos compreender os sentidos possíveis para o material analisado por meio do processo, do produto e da história a partir da linguagem em relação as suas condições de produção, bem como orienta Orlandi (1984).

## **Sentidos na/da história**

Os sentidos e os discursos implicam uma relação intrínseca com a história. De acordo com Orlandi (2008), a linguagem é sentido e a história faz sentido, por isso os corpos estão, grandemente, para uma relação com processos históricos que significam as diferentes formas/posições-sujeito discursivas. São sentidos que retornam constantemente por meio do interdiscurso para afirmar ou refutar dizeres já ditos, porém esquecidos. Isso porque, conforme Orlandi (2008), falamos com palavras que já têm sentido. Por isso,

é necessário pensar a historicidade que atravessa os discursos que nutrem o equívoco dos sentidos do imaginário que significa os corpos de sujeitos pretos, pois essa reflexão é importante para que seja possível compreender a constituição dos sentidos de preto/negro em diferentes formações discursivas.

Nesse viés, por meio das condições amplas de produção do discurso que, de acordo com Orlandi (2006; 2015), compreendem o contexto sócio-histórico e ideológico do discurso, buscamos compreender os processos de significação de “preto/negro” no Brasil por meio de sua relação com a história. Assim, é por meio da memória discursiva que, de acordo com Brandão (2012), possibilita a inscrição do discurso na história, “retomamos” os já ditos que sustentam os dizeres possíveis para pensar, em consonância com Orlandi (2008), os processos de significação dos brasileiros (pretos) a partir do discurso do descobrimento e da (pós-) escravidão.

É o discurso do descobrimento, produzido pelo homem branco, europeu e cristão, que arroga os sentidos de um território que foi “descoberto”, colonizado. Esses sentidos passam a ser, segundo Orlandi (2008), reforçados por uma tríade científica, política e religiosa que contribui para o apagamento/silenciamento dos povos originários do território brasileiro: os indígenas. A presença do europeu branco em terras indígenas demarca a constituição de um Estado que, de acordo com Orlandi (2008), não considera o indígena como componente da cultura brasileira.

Nessa perspectiva, a instauração do europeu e de sua cultura no Brasil modificou os sentidos de todo o espaço e dos sujeitos que nele habita(va)m. Passa-se, a partir de um modelo de sociedade estrangeiro, a se caracterizar o Brasil e os brasileiros por uma premissa branca. Nesse sentido, conforme atesta Orlandi (2008), o europeu constrói os brasileiros como o seu “outro”, porém, um “outro”

que não é semelhante a si, por isso é “excluído”. A pesquisadora acrescenta que não é o discurso do Brasil que define o brasileiro, mas o discurso sobre o Brasil e é o discurso sobre que, do lugar do dominante, “[...]organiza, disciplina a memória e a reduz” (ORLANDI, 2008).

Por isso, enxergamos em nós (brasileiros) a imagem, projetada no discurso, de como o Europeu nos enxerga. Assim, é sempre a visão do estrangeiro que define os parâmetros de brasilidade ou não brasilidade, é o discurso sobre o Brasil, fruto do etnocentrismo europeu, que arroga os sentidos sobre o território e seus habitantes. A história, como um fato que reclama sentidos, tal como afirma Orlandi (2008), é marcada pelo protagonismo europeu em detrimento ao apagamento de povos que tiveram seu território de moradia violado. Esse discurso dominante, forjado a partir dos ideais europeus, propicia uma gama de discursos que apagam toda forma de cultura, fé, prática social que destoe de seus parâmetros.

De acordo com Orlandi (2008), não foi apenas a presença dos portugueses/europeus que contribuíram para o silenciamento dos povos nativo-brasileiros. Com o avanço do império e da exploração dos recursos naturais do território brasileiro, a mão de obra escrava também entrou em ascensão. Portanto, a presença do negro/a africano/a escravizado/a, trazido/a à força para o Brasil, segundo a autora, também ganhou importância nesse processo de retirada dos indígenas da história da constituição de uma cultura brasileira. E esse processo de apagamento dos indígenas foi se intensificando com as políticas de imigração na tentativa de embranquecimento do país após o período abolicionista.

Entretanto, devido à alta demanda de escravização externa e a predominância de sujeitos pretos/as no território brasileiro, a elite do século XIX, de acordo com Schwarcz (2012) e Azevedo (2004), passou a engendrar formas de apagar o

período da escravidão e os sujeitos escravizados da “história” do país. A escravidão no Brasil foi um acontecimento na história do país que forjou sentidos pejorativos sobre os corpos, a cultura e a religião dos sujeitos pretos/as escravizados/as. No imaginário que significa a posição-sujeito preto/a no Brasil é atravessado de sentidos de um corpo servil, rude. Por isso, a predominância de escravizados na sociedade brasileira do século XIX não satisfazia uma elite que se pretendia monárquica.

Para falar dos sentidos que norteiam os corpos pretos no interior de uma formação discursiva racista, compreendendo a partir de Orlandi (2015) formação discursiva como o espaço discursivo que determina as condições histórico-sociais do dizer e do não-dizer, a ciência do século XIX contribuiu em grande medida para o apagamento do protagonismo negro nas práticas históricas e, também, na determinação dos sentidos pejorativos acerca do corpo preto. Um fator que contribuiu para pensar a clivagem dos corpos e seus lugares sociais foi a teoria racial.

Anterior ao século XIX, o pensamento acerca de raça partia de uma formação discursiva biológica, historicamente determinada que classificava os sujeitos por raça tomando como base características físicas, fenotípicas, conforme destaca Munanga (2004). Porém, por trás desse discurso existe algo que não está à mostra, que está silenciado: a sobreposição e dominação de classes. De acordo com Moreira (2019), raça enquanto uma construção social expressa sentidos que legitimam propósitos de dominação. No século XIX, de acordo com Munanga (2004) vários biólogos e médicos se aprofundaram nessa análise dos fenótipos dos sujeitos para usar essas diferenças como um pressuposto para dizer que os brancos eram superiores aos negros e para criar a hipótese de que pelo fato dos negros terem uma maior concentração de melanina no corpo conseguiriam

resistir melhor que os brancos ao calor e, por isso, deveriam trabalhar nas lavouras e plantações.

Schwarcz (2012) salienta que o pressuposto da raça para sustentar as posições sociais dos sujeitos apaga toda forma de exercício da cidadania, pois se limita a enxergar os traços físicos apagando, assim, as subjetividades. Kilomba (2019) salienta que alguns dos sujeitos, homens e mulheres africanos/as, escravizados/as também pertenciam à realeza africana. Porém, por meio de seus traços físicos, eram vistos apenas como “escravos/as”. Assim, o discurso racial é sustentado por sentidos de exclusão e reducionismo baseados em pressupostos fenotípicos e estéticos. É nesse contexto de sucateamento dos corpos pretos que emerge um aglomerado de imagens que pretendem significar a negritude apenas por esse viés. Segundo Moreira (2019, p. 29)

A negritude surge a partir da atribuição negativa de características morais a traços fenotípicos das populações africanas. Ela aparece em um momento histórico no qual a raça se torna um objeto de reflexão, o que produz diversas narrativas científicas, políticas e culturais destinadas a legitimar a exploração econômica de pessoas classificadas como negras

Por isso, na sociedade brasileira do século XIX, a ideologia racista que sustentava discursos pejorativos que limitavam os corpos pretos a espaços de subalternidade, interpelava os sujeitos e os fazia considerar como óbvia essa posição de escravizado imposta ao sujeito preto. Era/é por meio da ideologia (racista) que se foi naturalizando os papéis sociais de superioridade do corpo branco e de inferioridade do corpo preto. O equívoco produzido pela ideologia sobre os sujeitos pretos perpassa não apenas seu corpo, mas suas práticas sociais. Essa noção de inferioridade do preto/a forjou um imaginário que afirma esse caráter falacioso na esfera da educação, do poder, da riqueza. É essa memória cunhada pela escravidão

no Brasil que arroga sentidos que (in)significam as vidas negras.

## Discurso e sujeito: processo de inscrição no espaço digital

Conforme destaca Almeida (2018), é por permear as relações sociais e se manifestar de forma individual, institucional e estrutural que o racismo participa do processo de (in)significação da imagem atrelada, no jogo das formações imaginárias, aos corpos pretos, entendendo a imagem, aqui, não apenas como mero recurso não verbal, mas sim, em consonância com Orlandi (2017), como discurso.

Para tanto, é mediante práticas de discriminação e exploração de corpos historicamente marginalizados e sucateados por discursos excludentes pautados numa formação discursiva biológica, que se constrói um conjunto de imagens que corroboram os sentidos pejorativos que interpelam os corpos dos sujeitos pretos. Essa manifestação de aversão por vidas que não seguem uma regularidade imposta (de forma ostensiva), se materializa como preconceito, no caso da afetação desse preconceito nos corpos negros, é possível falar em racismo. Entende-se, a partir Almeida (2018, p. 25), racismo como:

[...] a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo, afirma, fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para produção das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea.

Assumir o racismo como uma manifestação social e não como um fenômeno patológico é corroborar a noção ensejada por Orlandi (2015) de que os sentidos não nascem com os sujeitos e, por conseguinte, os sujeitos não são donos dos sentidos – apesar de esquecerem-se disso. Por isso, não nascemos racistas, misóginos, homofóbicos, xenofóbicos vamos, ao longo da vida, nos

identificando com os sentidos de dadas formações discursivas e vamos, por meio da ideologia e do estado, nos individuando, conforme salienta Orlandi (2017), e nos inscrevendo em dadas posições sujeito discursivas.

Nesse sentido, o racismo está presente nas relações sociais cotidianas, institucionais. Ele se materializa em diferentes discursos, e pode ser, de acordo com Almeida (2018, p. 33) “tanto evidente como dissimulado”. Segundo o autor, o racismo pode se apresentar de forma explícita (concepção individualista) ou de forma implícita (concepção institucional). Essas concepções se referem às diferentes formas de acontecimento do racismo na sociedade, tendo em vista que é necessário, de antemão, tomar o racismo como estrutural, ou seja, como algo que “integra a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável” (ALMEIDA, 2018, p. 25). Porém, Moreira (2019), afirma que a forma explícita de manifestação do racismo já não é mais tão frequente atualmente quanto era no período escravocrata, pois “[...] atos abertamente racistas são reprovados pela moralidade pública no mundo atual”.

Compreender o racismo como estrutural, conforme salienta a tese de Almeida (2018), é entender que ele se localiza nas bases de constituição da nação brasileira. Portanto, todas as relações sociais, constituídas dentro ou fora das instituições, estão, em alguma medida, sustentadas pelo racismo, pois ele “[...] é uma decorrência da própria estrutura social” (ALMEIDA, 2018, p. 38). Mas o racismo se apresenta em diferentes espaços discursivos e, portanto, produz diferentes efeitos. Almeida (2018), ao apresentar as concepções de racismo, salienta que elas se referem a como o racismo interpela os sujeitos e causa as reações que reproduzem o preconceito sobre as vidas negras modificando seus comportamentos, afetando seus corpos. Essas reações são possíveis, porque o racismo “[...] aparece como um ato intencional

e arbitrário de um indivíduo em relação a outro, ação baseada em julgamentos negativos sobre os membros de outro grupo racial” (MOREIRA, 2019, p. 27).

Entretanto, o corpo pensado pela teoria da Análise de Discurso não se refere a um organismo tangível, real. Por isso, é possível pensar que o racismo (in)significa o sujeito preto de duas formas: pela carne e pelo corpo. Ambos os termos podem, numa leitura superficial, significar a mesma coisa, porém não são. De acordo com Souza (2010), a carne se refere ao físico, e o corpo à forma assumida pela carne no discurso. Para o autor, a carne passa por um processo de discursivização no qual é (re)significado pela língua, linguagem, história e ideologia. Por isso, para Souza (2010), quando pensamos em corpo estamos pensando em outras formas de imaginar, esperar, erguer, administrar a carne, estamos pensando em corpodiscurso. Afinal, é a partir do corpo que vamos compreender as diferentes formas de constituição do sujeito por meio dessa materialidade, pois, conforme salienta Orlandi (2017), o sujeito é a materialidade do corpo e vice-versa.

É pelo corpodiscurso preto que é possível verificar os sentidos na/da história que constituem imagens que (in)significam a sua existência e que são sustentadas por uma formação discursiva racista. Isso porque, de acordo com Orlandi (2017), por mais que os sentidos e os sujeitos pareçam estar sempre já lá, na verdade, eles são, por meio de um efeito ideológico, produzidos. É por isso, conforme testa Orlandi (2017, p.85), “que se pode dizer que a relação do sujeito com o corpo aparece como transparente, mas não é”.

Por isso, quando pensamos o corpo preto, pensamos um corpo que está imbuído por sentidos já dados, estabelecidos e estabilizados, conforme salienta Orlandi (2017). Esses sentidos criam formulações sobre o seu corpo em diferentes discursos. Por isso, conforme será analisado adiante,

o sujeito preto contemporâneo, tendo o seu corpo afetado pela forma histórica capitalista, participa de um processo de desidentificação com sua própria materialidade, ou seja, ele, ao se identificar com a formação discursiva racista que, historicamente, repudia seu corpo, passa a se ajustar aos moldes brancos para se enunciar enquanto sujeito rico no espaço digital.

Esse descontentamento consigo, demonstrado pelo sujeito protagonista dos recortes imagéticos que serão analisados neste trabalho, acontece devido à ligação do corpo do sujeito ao corpo social. Assim, sendo a sociedade brasileira construída sobre bases racistas, conforme salienta Almeida (2018) ao definir o racismo também como estrutural, o sujeito preto do material analisado é afetado pelos discursos e instituições que significam seu corpo como um espaço indesejado e, por isso, precisa passar por formulações para “pertencer” ao espaço da riqueza. Esse gesto de contorção para caber em moldes socio-historicamente significados como superiores acontece, pois, de acordo com Moreira (2019), ao corpo branco foram construídos sentidos de integridade moral, sucesso econômico etc.

Nesse sentido, o corpo desse sujeito passa por um processo de apagamento/silenciamento (ORLANDI, 2007) de suas práticas sociais anteriores, pois elas, historicamente, não agradam a um modelo de sociedade que se pretende ideal. Por isso, o sujeito, para ter seu corpo discursivizado como o corpo de um homem rico, inicia um processo de abandono de suas formas de ler, vestir, pensar. Mas esse procedimento de ajustamento de seu corpo às formas de ser rico acontece num espaço em que as formas de significação do corpo e dos sentidos funcionam de uma maneira diferente, porém já conhecida. Isso porque o espaço digital afeta o sujeito e desestabiliza a (re)produção de sentidos sobre a sua materialidade específica, pois,

de acordo com Dias (2016, p. 2), “o digital produziu uma mudança na discursividade do mundo”.

Essa mudança, segundo Dias (2018), é possível, pois o início do século XXI apresenta uma “efervescência tecnológica” que trouxe outras possibilidades para a humanidade (se) significar. Nossa discussão sobre o corpo, mais especificamente o corpo preto, recai no digital sob outros moldes, pois, de acordo com a autora, o sujeito se inscreve na materialidade digital para significar(-se) de forma distinta. Esse deslizamento na produção de sentidos possibilitado pelo espaço digital só é possível a partir de sua inscrição na língua(linguagem), na história, na ideologia, pois a partir disso o digital passa a ser compreendido não como um espaço fechado em si mesmo, mas sim, como algo, de acordo com Dias (2016, p.3- 4),

[...] que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção, afetada por outras instituições, como as corporações do tipo Google ou Microsoft, garantindo o funcionamento da máquina ideológica por meio das relações de poder e de produção-reprodução do trabalho.

É por meio dessas “outras condições de produção” que possibilitam uma deriva na inscrição dos sentidos e do corpo, de acordo com a autora, que pensaremos as formas de significação do corpo preto no espaço digital ou, conforme aponta Salles (2018), do corpo em performance. A performance, segundo o autor, pressupõe sentidos que estão para além do corpo, pois quando pensamos nessa noção estamos refletindo não sobre o que o corpo do sujeito é, mas onde o corpo preto, nesse caso, está, que território ele ocupa. Assim, problematizar a passagem do corpo ao espaço digital (DIAS, 2016; 2018) e pensar o território de sua performance (SALLES, 2018) são algumas de nossas preocupações.

A relação dos sujeitos com a tecnologia, com o digital, é construída por meio de um elo entre

o sujeito e a máquina (DIAS, 2018). Esse elo é resultado da forma que o sujeito se relaciona com o digital e das informações que ele/a compartilha nas redes. Por isso, de acordo com Dias (2018), o digital se constitui como repositório de dados sobre cada sujeito ou, nas palavras da autora, como memória como arquivo. Pensar que o digital tem uma memória para além do sistema lógico-matemático que o constitui, segundo a autora, é compreender que as informações arquivadas no/pelo digital são dadas pelos sujeitos. Em consequente, essas informações comportam uma série de preferências e “escolhas” socio-históricas e ideológicas que se referem à inscrição dos sujeitos em diferentes formações discursivas/ideológicas e, também, à forma sujeito histórica atual. Essa coerência entre a máquina e o usuário acontece pois o digital “[...]vai se configurando às necessidades, anseios, dúvidas do usuário” (DIAS, 2018, p. 75).

Orlandi (2017), ao tratar da noção de forma sujeito, ressalta o seu caráter de correspondência ao momento histórico de seu acontecimento. Ou seja, a forma sujeito histórica medieval não é mesma da contemporaneidade. Além disso, a constituição da forma sujeito passa por um processo que parte da interpelação do indivíduo em sujeito até a sua individu(aliz)ação. O processo de individu(aliz)ação do sujeito, conforme salienta Orlandi (2017), acontece por meio do estado e das instituições. Nesse sentido, a forma sujeito histórica atual comporta um sujeito capitalista e dotado de direitos e deveres. Quando individuado o sujeito vai se identificar (ou não) com dadas formações discursivas.

Compreender, mesmo que de forma sintética, o processo de individu(aliz)ação do sujeito pelo estado e instituições, nos ajuda a situar o digital enquanto participante desse processo, pois, conforme salienta Dias (2018, p. 74), “[...]o modo de individuação do sujeito capitalista, pelo discurso da tecnologia, produz efeitos nos processos de

identificação, na produção dos sentidos”. Nesse sentido, pensar como o digital significa o corpo preto é de grande relevância. Couceiro de Lima (2001) chama a atenção para a forma que o discurso digital televisivo coloca o corpo preto em performance no território das telenovelas da rede Globo.

A autora destaca que atores e atrizes negros/as não assumiam papéis de protagonismo narrativo e sempre eram colocados/as para dramatizar a faxineira, o motorista, o jardineiro, moradores de periferia. Esses papéis sociais atribuídos a personagens negros/as participam de um imaginário, do qual fala Fanon (2008), que situa o corpo preto em espaços discursivos de subalternidade. Assim, a forma que esse imaginário é transportado para o espaço digital corrobora não apenas os equívocos do imaginário acerca de homens e mulheres pretos/as, mas também a inscrição dos sujeitos roteiristas e produtores de telenovelas em uma formação discursiva racista que reserva para sujeitos pretos espaços de não protagonismo. Pois, conforme ressalta Couceiro de Lima (2001, p. 4), “[...] a mídia absorve o racismo vigente na sociedade brasileira, ou seja, esse racismo que ela mesma denominou cordial e que tão bem é incorporado nos produtos que veicula”.

Além disso, Couceiro de Lima (2001) salienta o papel de reprodutora da realidade social tal qual ela é que o discurso digital televisivo comporta no imaginário que o constitui. Segundo a autora, a mídia funciona como um espaço no qual a realidade é retratada de forma fidedigna, portanto, nesse imaginário, se o sujeito preto/a está sendo dramatizado como o motorista, a faxineira, o bandido é porque a realidade social desses sujeitos é essa. Esse discurso roteirizado participa do já dito sobre o sujeito preto historicamente, dos sentidos estabilizados ideologicamente, tal como salienta Orlandi (2017).

São esses sentidos de inferioridade e de pertencimento a lugares sociais marginalizados pela sociedade brasileira, que levam o sujeito em cena do material analisado neste trabalho a não se identificar com o espaço social reservado para si por um imaginário falacioso forjado sócio-histórica e ideologicamente sobre seu corpo, sua existência. Entretanto, essa desidentificação não se situa num campo de resistência, mas numa perspectiva discursiva que apaga seu corpo e sua identidade para se ajustar aos moldes da formação discursiva que rejeita sua existência.

### **Discurso em análise: o corpo do sujeito atado ao espaço digital**

O material que compõe o *corpus* analítico deste trabalho é um vídeo que circula na plataforma digital YouTube intitulado como um preto pode ficar rico no Brasil. No vídeo, postado no canal Tiago Fonseca, com um número de inscritos que ultrapassa os 2 milhões, acompanhamos um jogo discursivo constituído de linguagem verbal e não verbal. Esse jogo do dizer e da imagem contribui para corroborar os sentidos do tema do vídeo. Em cena, vemos um sujeito, autodeclarado preto, que alerta sobre o conteúdo do vídeo ser exclusivamente para “os preto”, “os negão”. A partir da ressalva, compreendemos que todo o jogo discursivo que seguirá coloca apenas “os preto” em performance (SALLES, 2018), porém, apenas por meio do que será dito, mostrado e não dito pelo sujeito que “administra” os sentidos em seu discurso.

Esse jogo discursivo que coloca em cena um sujeito preto falando a partir de suas experiências de vida como outros sujeitos pretos podem ser ricos, dialoga com os cenários e objetos em cena no território discursivo digital que constitui a narratividade (SALLES; COSTA, 2016) do vídeo. Vale ressaltar que, ao apresentar um tutorial de como um preto pode ficar rico no Brasil, o sujeito

que constrói a sequência discursiva do tutorial afirma estar situado no lugar social de rico. Assim, seu lugar social passa a ser usado como uma forma de legitimação do que será dito, ou, nas palavras do sujeito em cena “se eu consegui, você também consegue”. No recorte abaixo podemos ver como o que está sendo dito se relaciona com o que está sendo mostrado.

### Recorte 1:



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jjsKnOvqzNo> aos 0:58. Acesso em: 25 mai. 2022.

Ao passo que o sujeito vai apresentando a proposta do vídeo, o cenário participa do seu dizer como uma forma de validar o que está sendo dito. Ou seja, se ele pretende ensinar o passo a passo de como um preto pode enriquecer no Brasil, ele, primeiro, precisa validar a sua posição de sujeito preto rico para que o seu discurso tenha validade para o “outro”. Afinal, o imaginário que significa sujeitos ricos no Brasil comporta uma série de imagens e discursos que corroboram essa posição sujeito. Por isso, no vídeo, apenas o dizer não valida o discurso do sujeito protagonista, então o enquadramento da câmera que captura a mansão como plano de fundo funciona como um mecanismo de legitimação do dizer. Ou seja, se ele tem uma mansão, ele é rico, portanto, ele pode falar sobre riqueza e ensinar as formas de alcançar a riqueza.

Orlandi (2007) afirma que o processo de significação é aberto, mas é regido, administrado. Nesse sentido, se considerarmos que o sujeito em cena, apresentado no recorte acima, é o condutor do enredo visual, ou seja, conduz a câmera e seus ângulos, passamos a enxergar os enquadramentos do vídeo como não inocentes, pois são “escolhas” feitas pelo sujeito em cena para corroborar seus dizeres. Pois, enquanto o sujeito grava e é gravado por si, conforme argumenta Salles e Costa (2016), ele forja um duplo enquadramento que significa o espaço e a performatividade de seu corpo, pois ao mesmo tempo que o sujeito se mostra e é mostrado ele vai atando o seu corpo às condições de produção de sua inscrição na materialidade digital.

É no/pelo digital, de acordo com Dias (2018), que o sujeito se inscreve na língua(gem) de formas diferentes. Se pensarmos o sujeito em cena no primeiro recorte apresentado, seu corpo e seu nome se inscrevem no espaço digital não para referir sua identidade, mas para demarcar o seu lugar de influenciador digital. Pois o vídeo em questão não possui um cunho educacional ou de entretenimento, mas é um recurso produtor de lucro para o sujeito em cena.

### A imagem que A faz de B: o jogo das formações imaginárias

Todo processo discursivo, afirma Pêcheux (2014), tem existência nas formações imaginárias. São as formações imaginárias que projetam no discurso imagens que significam os sujeitos e seus lugares sociais. Por isso, salienta o estudioso, falar em patrão e funcionário, professor e aluno significa de maneiras distintas, pois cada uma dessas posições sujeito se inscrevem em lugares sociais que comporta imagens específicas para cada uma delas. Ademais, as formações imaginárias participam de um jogo que “brinca” com as imagens que significam os lugares sociais.

Segundo Orlandi (2006), o sujeito da Análise de Discurso não é empírico, mas uma posição sujeito discursiva colocada em suspenso pelas formações imaginárias. Nesse sentido, quando pensamos em sujeito estamos situados no campo do simbólico que produz imagens acerca desse sujeito e de seu lugar social. Nesse jogo das formações imaginárias, conforme destaca a autora, temos, a princípio: a imagem que o sujeito faz dele mesmo; a imagem que ele faz de seu interlocutor e a imagem que ele faz do objeto do discurso.

A partir desse jogo das formações imaginárias, explicitado por Orlandi (2006) e Pêcheux (2014), nos dedicamos a pensar, por meio de dizeres do sujeito em cena no material analisado, sobre a imagem que esse sujeito faz dele mesmo e que imagem ele faz de seu interlocutor. Afinal, essas imagens participam de relações de sentido e de força que compreendem o lugar social de quem fala e de sobre quem se fala, pois quando o protagonista do vídeo se movimenta, nas palavras de Pêcheux (2014), ele faz a imagem do seu próprio lugar e do lugar do outro. Assim, observemos o funcionamento desse jogo a partir do recorte a seguir.

### Recorte 2:



**Fonte:** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jjsKnOvqzNo> aos 16:42. Acesso em: 25 mai. 2022.

A estrutura narrativa do vídeo sempre acontece assim, como mostrado na imagem: o sujeito em cena se coloca no centro do vídeo para que sua imagem e sua voz, além do cenário projetado ao fundo, sejam protagonistas desse enredo de significações. Como dito anteriormente, o sujeito busca provocar um convencimento ao seu dizer, legitimá-lo, pois o “outro” precisa se identificar com seu discurso para ser interpelado pela ideologia atravessada nele. Para isso, o sujeito A (protagonista da narrativa), por meio de um enquadramento fechado e um fundo desfocado, nesse caso, coloca em performance as expressões. O olhar sempre fixo na câmera passa uma ideia de conversa “cara a cara”, “olho no olho”. As sobrancelhas arqueadas trazem um tom de seriedade para a face do sujeito provocando a ideia de que ele é uma pessoa séria e, portanto, seu dizer deve ser tomado na mesma medida.

Mas não devemos tomar essas construções como algo espontâneo e inocente, como se realmente estivéssemos em uma conversa cara a cara com sujeito do vídeo. Seu discurso, vale salientar, está sendo mediado pelo digital e está situado nesse espaço que provoca, de acordo com Dias (2018), mudanças nos processos de significação. Portanto, ao contrário de uma conversa realizada no espaço social físico,

pelo digital as escolhas do que mostrar e do que dizer passam a ser “menos espontâneas”. Nesse momento do vídeo, observamos vários cortes na continuidade do dizer desse sujeito. Ou seja, para dizer o que está posto no vídeo ele recortou outros dizeres. Nesse sentido, entre o espaço vazio de um corte e outro há um silêncio que, segundo Orlandi (2007), sustenta toda possibilidade de dizer.

Orlandi (2007, p. 18) salienta que “[...] observar os modos de construção do imaginário necessário na produção de sentido” é uma das preocupações da Análise de Discurso. Em conformidade com a autora, compreendemos que esses “modos de construção do imaginário” de um sujeito preto rico no Brasil aparecem não apenas nos recortes imagéticos que estamos trazendo, mas nos textos que compõem as cenas mostradas. No recorte 2, por exemplo, observamos dizeres como: “você vai vir de um lugar muito pobre”, “você não vai ter conhecimento porque as escolas públicas não são boas” e “você não quer fazer medicina, você não quer fazer administração, você não quer fazer um curso de faculdade”.

Essas afirmações contribuem para a manutenção do mundo conceitual branco do qual fala Kilomba (2019). Pois nesse “mundo” sentidos de um corpo que não se inscreve nos espaços intelectuais e de riqueza, conforme inferido nos dizeres do sujeito que performativa o/no vídeo, retornam constantemente como sentidos estabilizados pela história e pela memória discursiva. É nessa formação discursiva racista, que produz equívocos sobre o corpo e a inscrição social do sujeito preto/a, que o sujeito do vídeo vai se identificar e reproduzir seus sentidos no espaço digital. Essa identificação do sujeito autodeclarado preto em cena no vídeo, acontece, pois, de acordo com Kilomba (2019), o sujeito negro/a, historicamente, sempre foi forçado a ser diferente por causa da presença alienante do “outro”. Ou seja, o branco, mediante as considerações históricas

trazidas no estudo das condições amplas de produção do discurso racista (primeira parte deste trabalho), sempre foi tomado como o ideal, como o padr(onizador)ão.

Por isso, ao falar do lugar social de seu interlocutor, compreendido como “os negão”, o sujeito no centro do dizer projeta uma imagem sobre si a partir do momento que fala sobre o outro, bem como nos trouxe Pêcheux (2014). Mas essas imagens que performatizam em nossa memória discursiva, inscrevem o público consumidor do conteúdo digital no lugar da subalternidade, da não riqueza. Não podemos esquecer que a proposta global do vídeo é apresentar um tutorial que possibilite formas de como um preto pode ficar rico no Brasil.

## Considerações

Todo dizer significa. Mas, segundo Orlandi (1984), o dizer não significa de qualquer forma, pois ele se inscreve no interior de relações sócio-históricas que permitem que determinado sujeito diga algo de um jeito e não de outro, para um interlocutor específico. Por isso, os sentidos que são usados pelo sujeito em cena no material analisado não são neutros, afinal, estão inscritos em condições de produção sócio-históricas e ideológicas constituída de já ditos que retornam na forma de pré-construídos para situar o corpo preto em um espaço de dizeres pejorativos que se repetem para nutrir um modelo de sociedade pautada no racismo estrutural, bem como salienta Almeida (2018).

Nessa perspectiva analítica, questionamos os sentidos que atravessam os recortes imagéticos analisados, pois investigamos, por meio de nosso dispositivo analítico, os sentidos possíveis por meio da compreensão do processo de significação inscrito em dadas condições de produção. Nesse gesto de leitura e interpretação do material, bem

como orientado por Orlandi (2007), tomamos o texto como uma unidade de sentidos que está inscrita num contexto histórico, político e ideológico específico que permite os dizeres e não dizeres, bem como o mostrar e não mostrar do sujeito em cena no espaço digital.

Este trabalho representa um olhar atento sobre o funcionamento do discurso racista que invalida e produz equívocos e (des) sentidos sobre vidas negras. É uma crítica ao efeito de obviedade forjado, a princípio, pelo discurso do descobrimento e reverberado até a contemporaneidade. Na tentativa de produzirmos uma reflexão sobre a sociedade brasileira e suas feridas históricas que produzem sentidos que invalidam as diferentes formas de existência, este trabalho apresentou uma análise do processo de (in)significação de corpos pretos no espaço digital por meio da investigação da construção de sentidos acerca desses sujeitos mediante as condições de produção histórico-sociais que, ao longo do tempo, foram disseminando falácias sobre a vida e a cultura preta.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise de discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

COUCEIRO DE LIMA, Solange Martins. A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 88-99, dezembro/fevereiro 2000-2001.

DE SOUZA, Levi Leonel. O discurso encarnado: ou a passagem da carne ao corpodiscurso. **Entremeios**: revista de estudos do discurso, v. 1, n. 1, 2010.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital:

um campo de questões. **REDISCO**, Vitória da Conquista, v.10, n.2, p. 8-20, 2016.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Cristiane. Discurso, texto e memória: a discursividade digital em análise. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=wWfalT4pHiM&t=4796s&ab\\_chanel=IFSulC%C3%A2mpusPelotas](https://www.youtube.com/watch?v=wWfalT4pHiM&t=4796s&ab_chanel=IFSulC%C3%A2mpusPelotas)> . Acesso em: jul. de 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Tiago. Como um preto pode ficar rico no Brasil. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=jjsKnOvqzNo&t=1045s&ab\\_channel=TiagoFonseca](https://www.youtube.com/watch?v=jjsKnOvqzNo&t=1045s&ab_channel=TiagoFonseca)> .

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida, n. 3º, p. 1-17, 2004.

MUNANGA, Kebengele. **Negritude: usos e sentidos**. Autêntica, 2015.

ORLANDI, Eni P. Segmentar ou recortar. **Série estudos**, v. 10, p. 9-26, 1984.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso: conversa com Eni Orlandi. **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 7, n. 13-14, jan./dez., 2006. Entrevista concedida à Raquel Goulart Barreto.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**:

sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista-discurso do confronto:** velho e novo mundo. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). *In:* GADET, F; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SALLES, Atilio Catosso; COSTA, Greciely Cristina. Recortes e (m) análise: no movimento da narratividade cinematográfica. **RUA**, v. 22, n. 2, p. 553-572, 2016.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

**Submissão: maio de 2022.**

**Aceite: maio de 2022.**